

Paulo Neuhaus, economista com intenso treinamento na Universidade de Chicago, traz em sua obra marcas comuns em vários economistas que recentemente dedicam seus estudos à História Econômica; fixam seus intervalos temporais para exame mais em função das necessidades estatísticas do que das peculiaridades históricas que formam um determinado período e utilizam conceitos abstratos desprovidos de referências de tempo e espaço e portanto não históricos para construir suas séries homogêneas.

O Autor divide seu livro, conforme o evolver cronológico, em quatro capítulos repletos de significados que os diferenciam econômica e em particular monetariamente, ainda que o ano inicial não tenha outra singularidade além de ser o último do século.

A deflação e o padrão-ouro do período pré-guerra, 1900-14, capítulo I, enfatiza a estabilidade econômica e o experimento da Caixa de Conversão. A seguir, em uma das partes melhores da obra, a tentativa de implantar um banco central e as repercussões brasileiras da doutrina do crédito legítimo, é discutido o período 1915/26. Indaga-se no terceiro a política da Caixa de Estabilização e no final, a era Vargas, onde o Autor apresenta pioneiramente explicações monetárias da crise de 1930 e seu superar. Reserva-se apêndices para definições, dados, fontes e interpretações. Deve-se, ainda, afirmar o cuidado do Autor em sempre evidenciar o papel desempenhado pelo Banco do Brasil quer como agente do Governo, quer como banco comercial, padrão do sistema bancário.

A metodologia empregada por Neuhaus identifica a escola norte-americana em que se doutorou. **A monetary history of the United States, 1867-1960** de Milton Friedman & Anna J. Schwartz, editado pela Princeton Univ. Press em 1963 serve tanto como inspiradora e modelo quanto fonte de referências e confronto de resultados.

As objeções colocadas às posturas científicas de Friedman, quer por economistas, mesmo os neo-clássicos como J. Tobin, quer por historiadores do porte de um Pierre Vilar, dimensionam o positivismo da Escola de Chicago.

Se a bibliografia de Neuhaus é limitada à produção da literatura econômica — não há falta de título de importância, publicando-as ausências de obras históricas, sociológicas e disciplinas correlatas, são parcialmente compensadas pelo uso intenso, preciso e fecundo de fontes primárias tais como: **Relatório Ministro da Fazenda, Wilemna's Brazilian Review, Relatórios do Banco do Brasil** etc.

Paulo Neuhaus através de sua **História Monetária do Brasil 1900-45** contribuiu de forma insofismável para o esclarecimento de importante parcela de nossa vida econômica passada: o mistificado processo monetário. — **Ibrahim João Elias.**

“..... buscar água no poço,
molhar a terra dessa nova vida,
arar de novo o campo”

e morer em paz — **Paulo Roberto de Azeredo**

QUEIROZ JÚNIOR, Teófilo — Preconceito de cor e a mulata brasileira — Editora Atica, São Paulo, 1975.

A despeito da corrente opinião de que os estudos sobre as relações raciais no Brasil estão esgotados, aparece agora uma obra provando o contrário e sugerindo que ainda há muito por fazer. É o trabalho do Professor Teófilo de Queiroz Júnior sobre

o **Preconceito de Cor e a Mulata na Literatura Brasileira**, que foi elaborado como tese de mestrado em Sociologia da Universidade de São Paulo. A pesar disso, o autor não demonstra a grande preocupação com a forma da tese tão comum em trabalhos dessa natureza. Numa feliz combinação entre os conhecimentos literários e Sociológicos, chega a um campo muito pouco explorado e consegue resultados importantes para a Sociologia da Literatura.

Em 'O Preconceito de Cor e a Mulata Brasileira' é analisado "o comprometimento dos escritores brasileiros com o preconceito de cor" e a influência da Literatura na formação da mentalidade popular, que colabora para a manutenção dos estereótipos negativos em torno da mulata, que tem sido vista como sensual, irresponsável etc... Nosso autor ainda vai das origens da mentalidade popular até as esferas racionais, à "Intelligentsia" (segundo Mannheim) da sociedade brasileira.

Assim, procura uma conexão entre a 'literatura propriamente dita' que manipula numa certa medida o gosto do público e a Literatura Científica que confirma as raízes dos estereótipos formados em torno da imagem da mulata e situa sua posição histórica na sociedade brasileira.

De Gregório de Matos até Jorge Amado, o autor retoma imagens de mulatas passando por Manuel Antonio de Almeida, Bernardo Guimarães, Aluisio de Azevedo, João Felício dos Santos e Guimarães Rosa, caracterizando o comprometimento dos autores ora mais ora menos abertos; ora a mulata aparece mais escura, ora mais clara, mas nunca deixa de assumir as características estereotipadas referidas acima.

Numa abordagem dialética, a mulata, para o professor Teófilo, aparece como a 'própria síntese' do elemento contraditório e perturbador, que durante todo o desfile dos personagens está sempre num segundo plano.

Com a visão proporcionada pela crítica clara e elucidativa do autor, passando a encarar as personagens mulatas referidas na obra com novos olhos e somos convidados a retornar a antigas leituras para que possamos assumir também uma atitude crítica da situação racial em questão, com esses novos dados. — **Irene Maria Ferreira Barbosa.**

Revista do Arquivo Público Mineiro (RAPM), Imprensa Oficial de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Renomado periódico, não editado desde 1937, vem de reiniciar sua circulação. Publicado trimestralmente pelo Arquivo Público Mineiro tem seu primeiro número datado de 1896 e apresentou razoável regularidade até 1937, quando completou seu volume XXV. Esta *Revista* representa fonte essencial a todos que pretendam estudar nossa história através de fontes primárias, em especial a de Minas Gerais quando predominava a atividade mineratória.

Na RAPM reproduziu-se uma infinidade de documentos tais como: Cartas Régias, Alvarás, Decretos, Regulamentos, correspondência etc. Imprimiram-se também inúmeras obras primordiais para o entendimento da sociedade mineira em seus múltiplos aspectos; dentre eles salientamos alguns fundamentais: **Cultura e Opulência do Brasil**, de André João Antonil (v. IV); **Aureo Trono Episcopal** (v. VI); **Cartas Chilenas** (v. II); **Triunfo Eucarístico**, de Simão Ferreira Machado (v. VI); **Instrução para o Governo da Capitania de Minas Gerais**, por José Teixeira Coelho (v. VIII); **Memória sobre a Capitania de Minas Gerais, e Minas e os Quintos do Ouro**, de Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcelos (v. VI); **Primeiros Descobrimentos das Minas de Ouro na Capitania de Minas Gerais**, notícia compilada pelo Coronel Bento Fernandes Furtado de Mendonça e resumida por M.J.P. da Silva Pontes (v. IV); **Memória sobre as Minas da Capitania de Minas Gerais**, de José Vieira Couto (v. X); **Memória do Distrito Diamantino**, por